

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

Em 2012, para marcar o quinquagésimo aniversário da publicação do *The Structure of Scientific Revolutions*, uma das obras primas da filosofia do século passado, Ian Hacking perguntou: “Now that the life sciences have replaced physics as top dog, we have to ask about the extent to which Darwin’s revolution fits Kuhn’s template.”¹ Apenas numa frase, *nesta frase*, Hacking situa os motivos pelos quais o dossiê deste número de *Veritas* se propõe a tratar do tema “FILOSOFIAS DA BIOLOGIA”.

O que afirma Hacking na sua frase levemente velada de pergunta? Primeiro, *houve* uma superação da física pela biologia para ocupar a posição de “top” ciência. Segundo, a obra de Charles Darwin, e, singularmente, o conceito de “evolução por seleção natural”, fazem parte desta superação. Terceiro, é possível que a “estrutura” desta revolução científica seja outra que as duas que ocuparam Kuhn durante sua vida de físico, historiador da ciência e filósofo, nesta ordem. As duas revoluções tratadas por Kuhn são a revolução “copernicana”, expressão que Kant firmou como revolução *científica*, mais uma instância para a “história do presente”²; já a segunda revolução, não desenvolvida no *The Structure of Scientific Revolutions*, é a da matematização das ciências que teve início na primeira parte do século dezanove. Nenhuma destas revoluções, observa Hacking, evidencia a “estrutura” da *Estrutura*. Para Hacking, o que teria despertado a reprovação das análises de Kuhn por boa parte da comunidade científica anglo-americana seria menos a ideia descontinuísta das revoluções científicas tratadas no livro, que a descrição do modo de existência da ciência *normal*.

¹ Ian Hacking, “Introductory Essay”, in T. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*. Fourth edition (50th anniversary edition). Chicago: University of Chicago Press, 2012, p. 12. (“Agora que as ciências da vida substituíram a física como carro-chefe, temos de indagar em que medida a revolução de Darwin se adequa ao padrão de Kuhn.” A décima-segunda edição brasileira da tradução do *The Structure*, publicada pela Editora Perspectiva em 2013, reproduziu a edição comemorativa do quinquagésimo aniversário da publicação do livro nos Estados Unidos, na tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, com o “Ensaio introdutório” de Ian Hacking, p.14.)

² Hacking, 2012: p. 9. [p. 12: “Foi Kant que introduziu a ideia de uma revolução científica.”]

No *The Structure*, Kuhn não considerava a publicação da *Origem das espécies* como constituindo uma revolução científica, ainda que ele a enfoque por outros motivos. Na seção treze do livro, “Progress through Revolution”, Kuhn apresenta uma analogia segundo a qual as ideias científicas seguem o mesmo processo de transformação por seleção natural que as espécies vivas. Já que não se deve pressupor a identidade entre *ideias* e *teorias* ou *paradigmas* científicos, o que será que Kuhn intencionava com o uso da expressão “ideias científicas”?³

Daí decorre uma *quarta* sugestão de leitura sintomática da frase de Hacking. Nesta vez, pergunta-se se a “*modern synthesis*” da biologia neodarwiniana não apenas altera o próprio paradigma da histórica da ciência, mas também o conjunto de problemas *filosóficos* de nosso tempo. Em outras palavras, a filosofia deve se confrontar com o conceito de *transformação*, mas sobretudo com a produção natural, quicá *vital*, do radicalmente novo, cuja instância suprema é a própria filogênese da espécie humana. Por consequência dos desdobramentos que moldaram a teoria darwiniana nas últimas décadas, a filosofia teve de se aclimatar a uma ideia que vai além do *insight* de Kuhn, a saber: há uma instância de modificação diferente que a da seleção natural, ou da adaptação, do equilíbrio pontuado, das peripécias acidentais de catástrofes naturais. Se trata da *mutação*. Este significado de mutação, quando aplicado a fenômenos que afetam populações, pode bem informar a filosofia em suas pesquisas sobre o surgimento de novas formas de subjetividade e de subjetivação. Quando se trata de mutação *genética*, no entanto, o fenômeno da mutação diz respeito a um indivíduo, mesmo se com este termo neutro há pouco para falar de sujeito enquanto tal.

A mutação é significativa para a filosofia no que diz respeito também a uma ciência revolucionária de nosso tempo, a ciência da linguagem. Noam Chomsky defende há décadas que a linguagem, radicalmente distinta da comunicação, dos signos e dos símbolos, não evoluiu por seleção natural. Chomsky considera sem sentido a expressão “evolução da linguagem”, se por esta referirmo-nos a uma evolução da linguagem entre as espécies.⁴ Sua tese rejeita rigorosamente a ideia de que tenha havido evolução da “faculdade da linguagem” ou do “dispositivo de aquisição da linguagem”, isto é, o sistema cerebral produtor das estruturas sintáticas que, eventualmente, – pois isto não seria a primeira

³ Hacking, 2013, p. 202. No entanto, Hacking expressa reservas sobre a sua própria analogia: “A analogia que relaciona a evolução dos organismos com a evolução das ideias científicas pode facilmente ser levada longe demais.”

⁴ Por exemplo, na palestra de N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?: i. What is Language? ii. What Can we Understand? iii. What is Common Good?” *The Journal of Philosophy*. Vol. CX, n. 12, December 2013, p. 645-700.

função da linguagem –, se exterioriza nos diversos idiomas fonetizados e socialmente articulados.

A faculdade da linguagem é singularmente humana, sendo o resultado, não de alguma eleição, tampouco de uma necessidade evolutiva, mas de uma *mutação genética*. Adentrar a discussão com a impressionante mudança de foco na pesquisa que situa a linguagem em uma dimensão genética já arrisca levar a indagação para além dos campos filosóficos. Ao se familiarizar com as recentes pesquisas no comportamento dos animais não humanos de Carl Safina,⁵ por exemplo, que estudou as formas de inteligência, a experiência emocional e as estruturas de aliança e de sociedade em elefantes, lobos, orcas e golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*), a filosofia enraizada em seus moldes modernos ficaria surpresa de seu desconhecimento do mundo em que vive, e do quanto estão desatualizados os seus conhecimentos extra-humanos. Por mais que devamos comemorar com alegria resultados que comprovam as semelhanças entre os seres humanos e estas espécies não primatas, mamíferos cujo último ancestral comum vivia há cerca de cem milhões de anos, a tragédia é que estamos apenas conseguindo estender nossos modelos de subjetividade a espécies não humanas na véspera da acelerada extinção que nossa espécie está conduzindo contra os outros vivos do planeta. Espera-se que este dossiê ao menos possa ser um incentivo a conduzir a pesquisa filosófica para além dos campos tradicionais da fenomenologia quando do desafio de tratar a linguagem em sua estrutura sintática, e da filosofia analítica da mente, quando da análise da semântica num mundo em que ela faz tanto para explicar quanto para obscurecer.

“Mutação” tem a ver também com a maneira como a história da biologia se organizou, e continua se transformando. No entanto, precisava que o termo “mutação”, existente na língua francesa pelo menos desde o famoso verso rabelaisiano em *Gargantua*, “Nature n'endure mutations soudaines sans grande violence”,⁶ encontrasse o conceito de acontecimento para que a ciência se aperfeiçoasse no terreno do vivo. É neste sentido que o historiador das ciências da vida, Georges Canguilhem, podia justificar seu interesse em realizar uma verdadeira história da biologia, que não versasse sobre quem teria feito o que, mas sobre a *maneira* em que o trabalho científico fora efetivamente conduzido. Tendo sido um dos principais proponentes da história descontínuista em sua época na França, Canguilhem se interessou exemplarmente pelas condições através das quais a biologia se formou como ciência moderna,

⁵ Carl Safina, *Beyond Words: What Animals Think and Feel*. New York: Henry Holt, 2015.

⁶ F. Rabelais, *La Vie très horrible du grand Gargantua, père de Pantagruel*, Chapitre XXIII.

enfatizando que “o progresso chegou quando a biologia criou por ela mesma um ‘novo objeto científico’”.⁷ Ao denominar este tipo de objeto de “policientífico” ou “intercientífico”, Canguilhem visava menos um objeto tratado por mais de uma disciplina, que “um [objeto] construído como resultado explícito da colaboração entre várias ciências”.⁸

Assim, a aproximação entre os conceitos de mutação e de acontecimento proporcionou um novo objeto para uma biologia cujo corpo contemporâneo deixa de se moldar na forma de uma ciência única. Mesmo que parte de sua expansão universitária decorra das tendências mais em voga na pesquisa atual, é difícil negar que a biologia ampliou-se em virtude de sua propensão à multidisciplinaridade. A questão para a filosofia, e eu diria singularmente para a filosofia transcendental e a ontologia, é: como se situar diante dos apelos repetidamente feitos para juntar-se à pesquisa biológica? Não se deveria, antes, especificar *qual filosofia*? Uma filosofia que ainda circula nos parâmetros de um neohumanismo, em que se aposta na unicidade da subjetividade humana com extensões metafísicas a “todas as espécies”; ou ainda uma outra que complexificou já há décadas os conceitos de identidade, de reflexividade, e de unicidade, então rendidos às regras produtivas e às funções latentes, inconscientes e discursivas da sua existência teórica?

O primeiro artigo do dossiê FILOSOFIAS DA BIOLOGIA, “Alguns pensamentos sobre biolinguística”, aborda diretamente a recepção feita a este apelo pela linguística. Em artigo inédito, resposta ao convite da revista *Veritas*, Cedric Boeckx, do Catalan Institute for Advanced Studies and Research (ICREA) e do Departamento de linguística do Universitat de Barcelona, se propõe a delimitar o *state of the art* da biolinguística. Boeckx salienta que tanto a pesquisa biológica quanto a linguística devem superar uma biolinguística “ingênua”, em que a linguagem estaria localizada principalmente, se não unicamente, no cérebro. Nas suas duas orientações conclusivas, o foco da atenção da teoria biolinguística deixa então de se concentrar no cérebro para circular nos genes, especialmente ao levar em conta a pesquisa sobre aspectos da produção linguística advindas do gene FOXP2. O Editor deste número agradece vivamente ao Professor Doutor Boeckx por aceitar o desafio de publicar numa revista filosófica e por lançar o que se espera ser as indagações necessárias para examinar filosoficamente a linguagem a partir prisma.

O segundo artigo deste dossiê é de Gabriel Mograbi da UFMT, que possui pós-doutorado pela Universidade de Stanford. Em sua contribuição,

⁷ G. Canguilhem, “On the History of the Life Sciences since Darwin”, in *Ideology and Rationality in the History of the Life Sciences*. Trans. A. Goldhammer. New York, p. 117.

⁸ *Ibid.*

Mograbi enfatiza até que ponto investigações neurofilosóficas necessitam de uma fundamentação biológica antes de poder se voltar a tratar *filosoficamente* do cérebro. O tópico inicial da sua intervenção diz respeito à evolução humana, isto é, a evolução morfológica e funcional do cérebro. A partir de um contexto *biohistórico*, ele procura conduzir o atual interesse na mediação teórica oferecida pela análise das emoções humanas a tratar da estruturação do cérebro. Para tanto, Mograbi submete a teoria da divisão tripartite do cérebro, isto é, o cérebro “triune” de P.D. MacLean, a uma revisão crítica.

A relação, por um lado, entre a arquitetura do cérebro e os efeitos produzidos por estados subjetivos, e, por outro, a interação entre a localização e a natureza dos pontos de ativação genética na função dos neurônios distribuídos fora do cérebro, alicerça uma série de mudanças de estratégia na pesquisa contemporânea. É pouco dizer que as condições da experimentação científica passam por articulações teóricas que são estruturalmente de tipo filosófico. Já que uma teoria está articulada no espaço social da produção filosófica e científica, o desafio permanece o de tornar transparente o processo subjacente, ou, como teria dito o Michel Foucault dos anos 1960s, *inconsciente*, do limiar da sua cientificização.⁹ Aquele Foucault é um dos historiadores principais do surgimento da biologia como ciência no século dezenove, em que a “lógica da vida” se delimitava a considerar um conceito novo de homem em que a morte não seria mais o limite exterior ou máximo da vida, mas um acontecimento diferencial interno. A intervenção da história estrutural de Foucault no campo da biologia em meados dos anos 1960 pode ser vista como uma progressão lógica a partir da sua história institucional descontinuista da formação da clínica e do hospital psiquiátrico, mesmo se o gesto foucaultiano de levar a metodologia da história das ciências de G. Bachelard, A. Koyré e E. Husserl, para analisar conceitos historicamente constituídos como a loucura, o “louco” ou o doente, obrigou a filosofia crítica da história das ciências a se confrontar às especificidades das ciências da vida e *do vivo*. Na França, ninguém mais definiu os critérios e o campo desta pesquisa que o mestre, orientador e colega de Foucault, Georges Canguilhem.

Desta forma, o presente dossiê intenciona salientar o trabalho deste filósofo, historiador, médico e militante. A obra de Canguilhem orientou a filosofia francesa durante as décadas medianas do século XX, até o eclipse deste período ímpar de produção intelectual pela maré liberal, fenomenológica e ética em que a França vive até os nossos dias. Sem dúvida o maior historiador das ciências que a França produziu no século

⁹ M. Foucault, *L'arquéologie du savoir*. Paris: Éd. Gallimard, 1969.

vinte, Canguilhem supera o trabalho de Thomas Kuhn pela diversidade de contextos científicos abordados e verificados, pela conceitualidade epistemológica, pelo aprimoramento do uso da categoria de “obstáculo epistemológico”, e pela metodologia descontinuísta da história aplicada à zona de indeterminação científica que são as ciências da vida. A genética, a biologia molecular, e a teoria da evolução pré e pós-darwiniana são alguns dos contextos da prática científica positiva investigados por Canguilhem. Assim que analisados mais atentamente, um contexto tal como o da teoria celular pode ser visto como representando um campo de lutas e de conflitos de interpretação em que mal se esconde a extensão da luta pela hegemonia de valores no plano da sociedade. No artigo da mestre em filosofia, Vanessa Nicola Labrea, em co-autoria com o editor deste número, encontra-se, além de uma vasta introdução ao pensamento de Canguilhem, um resultado do trabalho teórico e crítico do historiador das ciências, a saber, a orientação meticulosa de como conceitos normativos circulam nas decisões que contribuem para definir teoricamente, isto é, *cientificamente*, processos de natureza orgânica e reguladora.

A obra de Canguilhem é uma prova em ato dos limites da formalização lógica do conhecimento e da possibilidade de fundamentar, por meio de uma ontologia, uma concepção científica da filosofia. Canguilhem fora um dos principais *passeurs* da análise estrutural aos jovens filósofos franceses nos anos 1950 e 1960, demonstrando que nem a ciência, e tampouco a filosofia, são produzidas sem uma compreensão de suas próprias historicidades e das condições pelas quais foram articuladas tanto teorias quanto experiências que soldaram descobrimentos feitos. Visto o custo para realizar pesquisa científica atualmente, a ciência sequer consegue produzir sem teorias de investimento e de contabilidade, além de políticas públicas e midiáticas! Além de tratar de assuntos estruturais na pesquisa e na produção científica, a epistemologia histórica descontinuísta não deixa de fornecer relatos, não-lineares, sobre vários ilustres pesquisadores da ciência na França, como Claude Bernard e Louis Pasteur. Os integrantes do Grupo de Pesquisa CNPq “Sistema e Estrutura” gostariam de homenagear a figura de Georges Canguilhem com uma tradução inédita de seu extenso verbete histórico do conceito “Vida” (cuja primeira versão foi escrita e publicada em 1973 na *Encyclopédie Universalis*), realizada por Gabriela M. Jaquet, mestranda CNPq do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

O último artigo no dossiê, “Fundamentos neurobiológicos da consciência e a teoria do campo unificado: uma análise filosófica”, é de autoria de Carlos Eduardo de Sousa Lyra, Charbel Niño El-Hani e Gabriel José Corrêa Mograbi. Nele, os autores proporcionam uma análise cumulativa,

comparativa e crítica das contribuições filosóficas realizadas por três importantes pesquisadores atuando nas áreas da neurociência, da neolinguística e da neurofilosofia. G. Edelman, A. Damasio e J. Searle estabeleceram teorias, nos anos 1980, que norteiam a pesquisa crítica nas ciências do cérebro: Damasio na neurobiologia das emoções, Edelman nas normas científicas pelas quais uma teoria da mente é verificável, e Searle em uma neuroepistemologia empirista que decorre da teoria pragmática dos atos de linguagem. O artigo aborda as discussões que são familiares também à pesquisa realizada no seminário de Neurophilosophy, disciplina ministrada em inglês no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, pelos professores Nythamar de Oliveira, Norman R. Madarasz e o pós-doutorando Capes-PNPD, professor Fabrício Pontin, assim como aos trabalhos do Grupo de Pesquisa em Neurofilosofia CNPq, conjuntamente com o Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (InsCer), coordenado pelos Professores Doutores Nythamar de Oliveira e Jaderson Costa da Costa.

Na VARIA, a filosofia crítica da história, e sua articulação francesa, é o tópico do primeiro artigo, em coautoria entre J.R.N. Chiappin e C. Leister. Os autores oferecem uma revisão crítica da metodologia kuhniana, tendo em vista as contribuições anteriores feitas pelo epistemólogo francês, P. Duhem, no início do século XX.

Na sequência, Cesar Candiotto, da PUC-PR, realiza uma discussão sobre curso de Michel Foucault proferido em 1980-81 no Collège de France, intitulado *Subjectivité et Vérité*, publicado em 2014 pelas Éditions du Seuil em Paris. Neste curso, Foucault intensifica a discussão quanto aos atos possíveis efetivamente vivenciados na antiguidade greco-romana que poderiam ser identificados como *acontecimentos discursivos* correspondentes ao conjunto de significados que compõem o termo contemporâneo de “sexualidade”. Desta forma, Foucault estaria aprofundando as conclusões iniciais da exegese de práticas do “cuidado de si”, o que lhe levou a concluir que práticas sexuais e de aliança atribuídas por Nietzsche apenas à era cristã já estariam presentes na era greco-romana. Candiotto também salienta as diferenças nas posições defendidas por Foucault no referido curso em relação às publicadas três anos depois nos volumes II e III da *História da Sexualidade*.

Na continuidade desta edição, encontra-se o estudo por Sara Juliana Pozzer de Silveira, “A Crítica de Adorno à ontologia fundamental de M. Heidegger a partir da interpretação heideggeriana de Kant”. A seção VARIA é seguida por uma RESENHA, escrita por Maria Inês T. Rodrigues, sobre o recente *Introdução à filosofia* de Jayme Paviani.

O dossiê FILOSOFIAS DA BIOLOGIA se concebe como parte de uma longa indagação. Longa, e certamente incompleta. Quanto a isto, é preciso elogiar a pesquisa de pelo menos três filósofos que por diversas razões

pessoais não poderiam participar deste número. O primeiro é a Professora Ana Caroline Regner, especialista brasileira em história do darwinismo e da filosofia contida em sua obra. Agradeço também o apoio inicial de Massimo Piattelli-Palmarini ao projeto. Piattelli-Palmarini, coautor com Jerry Fodor de um livro fundamental ainda não traduzido no Brasil, *What Darwin got Wrong*,¹⁰ abriu, com muita contestação, uma via crítica singular na leitura da obra de Darwin, forçando a verdadeira presença pública da filosofia no conflito em torno da origem da espécie humana. Neste debate, que confronta a teoria da evolução por seleção natural ao criacionismo, os filósofos, ambíguos por natureza sobre ciência e religião, nunca foram realmente convidados, tampouco desejados. Finalmente, é preciso saudar um monumento de pensamento, Noam Chomsky, que representa quicá o iconoclastismo necessário para formular a “estrutura” da transformação científica na época do primado das biológicas; uma vez que tem sido ele o pesquisador que permitiu a aproximação da filosofia e da ciência da linguagem com a biologia de acordo com os mais estritos parâmetros possíveis.

Gostaria também de agradecer ao assistente técnico Maximiliano Oscar Zapata por auxiliar na realização deste número, tal como às minhas alunas Gabriela M. Jaquet e Vanessa Nicola Labrea pela dedicação à filosofia francesa contemporânea, e à obra de Georges Canguilhem. Repito aqui, com admiração, a frase de Canguilhem que serviu de leme à revista francesa, *Les Cahiers pour l'analyse*,¹¹ peça fundamental nos projetos de análise estrutural da segunda metade dos anos 1960 em Paris:

*Travailler un concept, c'est en faire varier l'extension et la compréhension, le généraliser par l'incorporation des traits d'exception, l'exporter hors de sa région d'origine, le prendre comme modèle ou inversement lui chercher un modèle, bref lui conférer progressivement, par des transformations réglées, la fonction d'une forme.*¹²

Norman R. Madarasz

PPG em Filosofia PUCRS

¹⁰ J. Fodor and M. Piattelli-Palmarini, *What Darwin got Wrong*. London: Profile Books, 2011.

¹¹ *Les Cahiers pour l'analyse*, em dez volumes, organizada pelo grupo de pesquisa “Cercle épistémologique de la rue d'Ulm”, existia entre 1966 e 1969, e foi publicada pela Éditions du Seuil. Peter Hallwell organizou o belo trabalho de digitalização dos números e da sua tradução quando ainda lecionava na Kingston University, em Londres: <<http://cahiers.kingston.ac.uk/>>.

¹² <<http://cahiers.kingston.ac.uk/pdf/cpa1.introduction.pdf>>